



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 15/05/2020 a 21/05/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
15/05/2020	8,38	287,50	26,58	5,00	3,19
18/05/2020	8,45	285,10	27,32	4,97	3,20
19/05/2020	8,42	284,60	27,09	4,98	3,21
20/05/2020	8,46	285,50	27,36	5,13	3,19
21/05/2020	8,35	282,50	27,11	5,16	3,17
Média	8,41	285,04	27,09	5,05	3,19

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	110,50	ND
RS - Santa Rosa	110,00	ND
RS - Ijuí	110,00	ND
PR - Cascavel	106,50	ND
MT - Rondonópolis	102,00	ND
MS - Ponta Porã	97,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	100,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	98,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	145,00	ND
Paraguai (FOB)**	109,00	ND
Paraguai (CIF)**	162,50	ND
RS - Erechim	48,50	ND
SC - Chapecó	47,00	ND
PR - Cascavel	47,00	ND
PR - Maringá	48,50	ND
MT - Rondonópolis	36,00	ND
MS - Dourados	41,00	ND
SP - Mogiana	51,50	ND
SP - Campinas (CIF)	53,00	ND
GO - Goiânia	43,00	ND
MG - Uberlândia	45,50	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	1.100,00	ND
RS - Santa Rosa	1.100,00	ND
PR - Maringá	1.300,00	ND
PR - Cascavel	1.250,00	ND

Período: 20/05/2020

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 21/05/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	43,30	101,53	51,67

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 21/05/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	57,63
Feijão (saco 60 Kg)	185,28
Sorgo (saco 60 Kg)	36,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,96
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,37**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,52

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Abril/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago se recuperaram um pouco durante esta semana, porém, não se sustentaram e na quinta-feira (21) voltaram a recuar, fechando em US\$ 8,35/bushel para o primeiro mês cotado, ficando no mesmo nível do fechamento da semana anterior. Lembrando que este primeiro mês, naquela Bolsa, passou a ser julho.

As exportações líquidas estadunidenses de soja, para o ano comercial 2019/20, iniciado em 1º de setembro do ano passado, somaram 655.500 toneladas na semana encerrada em 7 de maio, representando uma alta de 13% sobre a média das quatro semanas anteriores, sendo que a China foi o maior comprador. Já para o ano 2020/21 as vendas externas somaram 440.000 toneladas. Com isso, a soma dos dois anos ficou dentro das expectativas do mercado.

Outro fator que auxiliou na melhoria das cotações foi o aumento no esmagamento de soja nos EUA. Segundo a Associação Norte-Americana dos Processadores de Óleos Vegetais (NOPA), foram esmagadas 4,67 milhões de toneladas de soja em abril, contra 4,94 milhões em março, porém, acima das 4,64 milhões esperadas pelo mercado.

Igualmente a forte alta nos preços do petróleo no mercado internacional, diante de um cenário de início de recuperação da economia mundial após o momento mais agudo da pandemia do Covid-19, particularmente nos países desenvolvidos, ajudou a animar o mercado. A alta do petróleo chegou a 8% durante a semana, enquanto o dólar recuou um pouco perante as demais moedas, aumentando a competitividade dos produtos estadunidenses.

O que seguiu um aumento mais expressivo das cotações foi a crise política entre EUA e China a partir de acusações do presidente estadunidense de que a China não soube ou não quis controlar o coronavírus que está devastando o mundo nestes últimos tempos. Mesmo assim, por enquanto, a China está cumprindo os acordos comerciais assinados ainda em janeiro deste ano, relativos a chamada Fase Um para a solução do litígio comercial entre os dois países.

Outro elemento negativo aos preços foi o fraco desempenho das inspeções de exportação de soja estadunidense. Na semana encerrada em 14/05 o volume ficou em 352.189 toneladas, aquém do esperado pelo mercado. Mesmo assim, no acumulado do atual ano comercial as inspeções chegam a 34,7 milhões de toneladas, contra 33,2 milhões no mesmo período do ano passado.

Enfim, o clima positivo nos EUA igualmente jogou contra as cotações. Até o dia 17/05, em função deste clima, o plantio da nova safra estadunidense de soja chegava a 53% da área esperada, contra apenas 16% na mesma época do ano passado e 38% na média histórica.

Já na Argentina a colheita da safra de soja, até o dia 14/05, atingia a 83% da área semeada, contra 73% em igual momento do ano passado. No Brasil, a colheita está praticamente finalizada.

Ainda na Argentina, a comercialização da safra 2019/20 chegava a apenas 34% em 13/05, contrastando com mais de 85% negociados no Brasil. Isso se deve, em especial,

ao fato de que os produtores argentinos, penalizados com cerca de 35% de imposto sobre suas exportações (as chamadas retenciones, equivalente ao nosso confisco sobre a soja), se veem impedidos de usufruírem das vantagens de um câmbio muito desvalorizado que lá igualmente está ocorrendo. Assim, as vendas externas são bem mais lentas no vizinho país, indo ao encontro do que deseja o governo local.

E no Brasil, mesmo com o Real se revalorizando um pouco, chegando perto de R\$ 5,60 em alguns momentos da semana, os preços da soja ainda se mantiveram firmes. O balcão gaúcho fechou a semana, pela primeira vez em sua história, com a média acima de 100 reais por saco, batendo em exatos R\$ 101,53 em termos nominais. Já os lotes oscilaram entre R\$ 110,00 e R\$ 110,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes registraram os seguintes valores médios: R\$ 107,00 no centro e norte do Paraná; R\$ 95,00 em Sorriso (MT); R\$ 93,00 em São Gabriel (MS); R\$ 98,00 em Goiatuba (GO); R\$ 98,50 em Pedro Afonso (TO); R\$ 100,50 em Uruçuí (PI) e R\$ 110,00/saco em Campos Novos (SC).

Os prêmios nos portos brasileiros fecharam a semana girando entre US\$ 0,63 e US\$ 0,88/bushel, registrando aumento em relação as semanas anteriores. Isto também ajuda a segurar o preço interno diante do recuo cambial.

Enfim, vale ainda destacar que o preço de balcão gaúcho, a R\$ 101,53/saco nesta semana, está 46,2% acima dos R\$ 69,42/saco registrados um ano antes. Já o preço médio dos lotes, no mercado gaúcho, registra ganho de 44,1% sobre o mesmo período do ano passado. Assim, não surpreende que os produtores gaúchos, e brasileiros em geral, estejam acelerando suas vendas, inclusive as relativas à futura safra 2020/21.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago registraram grande estabilidade nesta semana, fechando a quinta-feira (21) com leve baixa, em US\$ 3,17/bushel, contra US\$ 3,20 uma semana antes.

No geral, o mercado externo ainda está sem força para novas altas de preços, especialmente diante da expectativa de uma safra recorde nos EUA, acima de 400 milhões de toneladas.

Mesmo com os preços do petróleo em alta na semana e as indústrias de etanol, aos poucos, retomando suas atividades nos EUA, o mercado não reagiu. Por sua vez, as exportações semanais estão boas (1,07 milhão de toneladas na semana anterior), porém, ainda não animam o mercado.

Por enquanto, pesa mais o clima favorável nas regiões de plantio dos EUA, a ponto de levar o mesmo para 80% da área esperada até o dia 17/05, contra a média histórica de 71%. Assim, o plantio do milho estadunidense caminha para o encerramento dentro de uma janela ideal, projetando alta produtividade se o clima continuar nesta linha.

Além disso, a entrada de milho argentino e brasileiro no mercado, embora sem grande intensidade ainda, segura as cotações internacionais e as vendas estadunidenses.

Na Argentina, a tonelada FOB fechou a semana em US\$ 145,00, enquanto no Paraguai a mesma ficou em US\$ 109,00.

E no Brasil o viés de baixa permanece, porém, o processo ocorre muito lentamente, com o mercado sem definição quanto ao que poderá ocorrer com a safrinha em algumas regiões, devido ao clima, especialmente em São Paulo. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 43,30/saco, contra R\$ 29,95 na mesma época do ano passado. Ou seja, o preço do milho, embora tenha baixado um pouco nestas últimas três semanas, ainda está 44,6% acima do registrado um ano antes no balcão gaúcho. Já os lotes gaúchos oscilaram entre R\$ 48,00 e R\$ 49,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 32,00 em Sinop e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 51,50/saco na Mogiana paulista.

O mercado interno atualmente sofre influência da forte volatilidade do câmbio e do clima, onde em algumas regiões estaria faltando chuvas para a safrinha, em particular em São Paulo.

Ao mesmo tempo, segue o contraste entre as cotações do cereal na BM&F e o que está sendo praticado no mercado físico. Assim, para o mercado paulista trabalhar com preços ao redor de R\$ 45,00/saco CIF Campinas em setembro, o produtor, no interior de São Paulo, terá que negociar milho safrinha abaixo de R\$ 40,00/saco. Ora, os preços no porto serão melhores, levando o produto para o exterior e forçando altas nos preços internos. Neste contexto, em continuando assim o comportamento da Bolsa paulista, a maioria dos operadores de mercado físico não conseguem utilizá-la a contento para operações de maior volume. (cf. Safras & Mercado)

Dito isso, a safrinha trabalho com preços ao redor de R\$ 41,50 a R\$ 42,50 sobre vagão na região paranaense de Maringá e a R\$ 48,00 no porto de Paranaguá. Existem ofertas a partir de R\$ 44,00 no norte do Paraná e de R\$ 50,00/saco no porto. Já no Mato Grosso a safrinha, para julho a setembro, tem ofertas entre R\$ 33,00 e R\$ 35,00/saco na Rodovia BR 163, enquanto compradores oferecem R\$ 30,50 a R\$ 32,50/saco.

Em São Paulo os preços tendem a ficar mais elevados diante da quebra praticamente certa em parte da sua safrinha. Assim, além do clima, o comportamento cambial, com sua influência decisiva nas exportações, definirá os rumos dos preços do milho safrinha e, por extensão, do conjunto do mercado nacional deste cereal.

Por outro lado, a colheita do milho de verão chegou a 91% da área do Centro-Sul brasileiro em 15/05, contra a média histórica de 95% para o período. Minas Gerais, com 69% colhido, e Goiás/DF com 87% são as regiões mais atrasadas nesta colheita. As demais já encerraram a mesma.

Enfim, quanto as exportações brasileiras de milho, nos primeiros quatro meses do atual ano civil 2020 o volume chegou a apenas 3,13 milhões de toneladas, contra 7 milhões no mesmo período do ano passado e 5 milhões no primeiro quadrimestre de 2018.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, após romperem o piso dos US\$ 5,00/bushel durante a semana, se recuperaram e fecharam a quinta-feira (21) em US\$ 5,16, contra US\$ 5,10/bushel uma semana antes.

A baixa durante a semana ocorreu sob pressão da grande oferta mundial de trigo, além dos efeitos da relativa paralisação do consumo diante da pandemia do Covid-19. Neste contexto, as vendas líquidas de trigo, por parte dos EUA, para o ano comercial 2019/20, ficaram em 203.500 toneladas na semana encerrada em 7 de maio, registrando um recuo de 28% sobre a média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2020/21 as exportações ficaram em 149.800 toneladas. No somatório dos dois anos o volume ainda ficou dentro das expectativas do mercado.

Já as inspeções de exportação somaram 440.822 toneladas na semana encerrada em 14 de maio, acumulando um total de 23,9 milhões de toneladas no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho do ano passado, contra 23,7 milhões um ano antes.

Posteriormente as cotações se recuperaram diante do anúncio de atraso no plantio dos EUA, assim como inquietudes em relação à safra da região do Mar Negro. Somou-se a isso igualmente a informação de que a produtividade das lavouras de trigo, em três importantes regiões produtoras da Rússia, será menor. Com isso, a safra de grãos deste país cairá para 120 milhões de toneladas, contra uma projeção inicial de 125,3 milhões. Isso poderá levar o governo russo a impor restrições às exportações de grãos, incluindo o trigo.

Ainda nos EUA, as condições do trigo de inverno estavam em 53% entre boas a excelentes, 31% regulares e 16% entre ruins a muito ruins. Já o plantio do trigo de primavera está atrasado, registrando 60% da área até o dia 17/05, contra 80% na média histórica.

Na Argentina, a tonelada FOB oficial para exportação ficou em US\$ 240,00 para entrega em maio, fato que, ao câmbio atual, coloca a mesma, junto aos moinhos paulistas, em R\$ 1.575,00 (R\$ 94,50/saco) e em Curitiba a R\$ 1.475,00 (R\$ 88,50/saco). Ou seja, continua havendo espaço para mais aumentos nos preços do trigo brasileiro. Para novembro, o trigo argentino ficou em US\$ 212,00/tonelada. (cf. Safras & Mercado)

E no Brasil os preços do produto de qualidade superior se mantêm elevados. A média no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 51,67/saco (um ano atrás esta média estava em R\$ 40,52). Ou seja, o preço atual está 27,5% acima do registrado em igual momento do ano passado. Já os lotes estavam cotados, no final da presente semana, em R\$ 66,00/saco, mantendo o padrão das últimas semanas. No Paraná, o balcão ficou entre R\$ 60,00 e R\$ 63,00/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 75,00 e R\$ 78,00/saco. Por fim, em Santa Catarina, o balcão trabalhou entre R\$ 47,00 e R\$ 50,00, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, fecharam a semana em R\$ 63,00/saco.

A firmeza se deve à pouca oferta interna e também no Mercosul, além de as importações estarem muito caras devido a forte desvalorização do Real nos últimos tempos. Junto a isso, há possibilidades de maior demanda interna até a nova colheita em setembro.

Temperando este movimento altista tem-se que, por enquanto, não há registros de problemas climáticos sobre as lavouras semeadas no sul do Brasil. Ora, se a produção deste ano for normal, a tendência é de preços em recuo a partir da colheita desta safra nova. Afora isso, nota-se que, pela necessidade, os moinhos continuam importando trigo mesmo com o câmbio desfavorável. Isso segura igualmente a tendência altista dos preços internos.

De fato, o Brasil já teria importado cerca de 5,2 milhões de toneladas, praticamente o mesmo volume de igual período do ano passado. Somente em abril, por exemplo, as compras externas chegaram a quase 750.000 toneladas, sendo que 94% deste volume teria vindo da Argentina. Este fato coloca em xeque a informação de que haveria pouca disponibilidade de trigo no vizinho país. No total, o Brasil deverá importar cerca de 7 milhões de toneladas de trigo neste ano comercial, o qual se encerra em 31 de julho próximo. (cf. Safras & Mercado)

Pelo sim ou pelo não, o fato é que os preços internos do trigo continuarão com viés de alta, porém, em uma cadência lenta, até a nova colheita a partir de setembro pelo Paraná (em o clima ajudando, talvez mesmo já no final de agosto a colheita paranaense comece).